

PEDROSA, Inês. *Os íntimos*. São Paulo: Alfaguarra, 2010. 199p.

---

Uma das características mais antigas da humanidade talvez seja a vontade de contar histórias. Ou melhor, de reunir-se para contar histórias. Um desses exemplos é o *Decameron*, de Giovanni Boccaccio. Na obra, um grupo de jovens refugia-se fora de Florença para se proteger da peste negra que assolava a cidade. Para passar o tempo, contam histórias engraçadas, na sua maioria, tendo como tema a relação entre homens e mulheres, alternando narradores e pontos de vista.

Séculos mais tarde, Inês Pedrosa, cria de maneira semelhante, uma narrativa em que diversas personagens contam passagens de suas vidas, reunidos em cenário de Lisboa. A autora também publicou: *A instrução dos amantes* (1992), *Nas tuas mãos* (1997), *Fazes-me falta* (2002) e a *Eternidade e o desejo* (2007).

Publicado em 2010, *Os íntimos* é uma narrativa construída sobre narrativas: são diversos narradores, diferentes pontos de vista a respeito de situações, pessoas e coisas. A história se passa num bar, uma tasca, no modo lusitano de chamar um bar. São cinco amigos que se reúnem sempre na mesma data e no mesmo local para a comemoração de uma data. A duração da narrativa é de apenas uma noite, mas está repleta de analepses que conduzem o leitor a entender muitas das situações que se apresentam como presentes nas vidas as personagens.

Afonso, Pedro, Augusto, Guilherme e Filipe, protagonistas e narradores das histórias estão reunidos para brindar o aniversário da morte de Leonor, esposa de Afonso e mãe de sua única filha, também falecida tragicamente.

As histórias se alternam formando um painel e os capítulos são nomeados de acordo com a personagem principal de cada narrativa, intercalados muitas vezes, com outros textos, como criações híbridas de seus narradores. Cada uma dessas personagens apresenta suas relações com o universo feminino e as formas como conduziram suas vidas. E sabem de cada momento de dor e felicidade da vida de todos os cinco, são por amizade e convivência: íntimos.

Ao longo de vinte e dois capítulos, Inês Pedrosa, distribuí com prévia articulação, as personagens que definem cada capítulo. Começamos por Afonso, que é médico e o principal articulador da presença de todas as outras personagens. É ele que inicia a “peregrinação” pelo universo masculino que é apresentado na obra.

Afonso é oncologista, lida com pacientes que descobrem ter pouco tempo para a vida que desejariam continuar. Mantem-se muitas vezes na vigilância entre a vaidade e a necessidade de ser apenas médico frente às mulheres que são suas pacientes. Vive com Joana, que é bem mais jovem do que ele. Tem um caso com Ana Lúcia Soveral, que é ligada à política e deveras apaixonada pelo amante. Ela acaba por matar-se de ciúmes de Afonso, jogando o carro no Tejo.

Pedro é o segundo que é apresentado. Introspectivo, trabalha com computadores. Mora com a mãe que o vigia o tempo todo. A relação de Pedro com as mulheres é difícil. É na escrita de seus cadernos de anotações que ele cria personagens e situações que gostaria de viver no mundo real. Entre suas aventuras ficcionais está o “Manuscrito de Bárbara”, em que ele narra a vida de uma moça cadeirante e sua relação com o próprio corpo e a sexualidade. É Pedro que se encarrega de definir os homens: “Somos homens: precisamos da culpa para encontrar a paz. Somos homens: precisamos de exorcizar a culpa para não nos afogarmos nela. Somos homens: ninguém nos ensinou a chorar” ( PEDROSA, p. 169).

O próximo é Guilherme, que se apresenta pela própria voz. Depois de ter saído do colégio militar, onde tinha que controlar seus ímpetos sexuais, foi trabalhar na indústria farmacêutica. Foi apaixonado por Clarisse a quem tratou bem e mal, ao traí-la apenas por trair. É Guilherme, o conquistador, o Don Juan, o Casanova, mas com uma diferença entre os mitos: sinceridade. Guilherme deixa bem claro às suas amantes que é volúvel. O que para elas é um desafio.

Augusto é que se segue nas apresentações. É administrador. Para ele conviver com os amigos é ter a adolescência que não teve. E permanecer jovem. Não nega seu apreço pela beleza feminina.

Filipe é o último amigo que conhecemos do grupo que se reúne na tasca. É artista, casado com Benedita, ostenta a sua monogamia frente à vida desregrada e infiel dos amigos. Temperamental ao extremo, não se mantém nos empregos e atribui seus fracassos sempre a outros que o perseguem. Foi Augusto que tentou ajudar quando estava sem emprego, e a quem Filipe não tem a mínima gratidão.

As histórias vão se aglutinando e formando uma narrativa única, em que a amizade e a companhia de

décadas comprovam a sua validade. Essa apresentação de um universo declaradamente masculino é feita sem mesuras, sem eufemismos para contar uma traição, ou um desejo sexual. As mulheres que surgem ao longo das histórias encadeadas, são personagens secundários, do jogo da sedução e também, muitas vezes de tristeza. E amizade de todos é definida por Afonso:

Os homens não se ofendem com o alheamento dos amigos. Não fazem perguntas íntimas. Sabem esperar. Sabem aceitar. Sabem que não se pode estar sempre a acompanhar a realidade. Sabem que há coisas que não são para resolver. Não se propõem resolver-nos os problemas, para depois nos atirarem à cara os problemas que nos resolveram. Não nos culpam. (PEDROSA, p. 140).

Nesses momentos todos, construídos em torno do universo masculino, duas passagens merecem destaque: o texto escrito por Ana Lúcia a uma revista e um conto deixado por Orlanda Cohen, escritora, a Afonso, seu médico. O texto de Ana Lúcia fala do desejo e de como ele transpõe dificuldades e muros. O conto de Orlanda é narrado por um coração que foi arrancado do peito de uma judia num campo de concentração. Ambos os textos mostram a sensibilidade do universo feminino. A beleza com que percebem o desejo e a dor, a beleza e a morte.

A personagem é o elemento que pode contribuir para a criação literária, uma vez dá vida à narrativa com a sua descrição em relação ao mundo e concretiza sua verossimilhança dentro da obra através de suas ações, é que fazem as personagens criadas por Inês Pedrosa. E as personagens da narrativa, lembram algumas vezes que são apenas ficção, como o faz Afonso ao dizer: “Sou feito de papel e tinta, pelo menos neste momento em que os vossos olhos deslizam sobre esta página.” (PEDROSA, p. 13). Mesmo sendo de papel e tinta, elas nos permitem criar um universo mimético em que depositamos nossas perspectivas e opiniões sobre o mundo real. Ainda que ficção, as ações das personagens nos conduzem a acreditar que pelo menos naquelas páginas que estamos lendo, elas são verdade, e nos contam suas vidas, o engendramento de sua existência. No caso de *Os íntimos*, as diversas narrativas, intercaladas pelas histórias dos cinco amigos e das personagens femininas que habitaram suas vidas, são a representação de um sujeito fragmentado em diversas identidades, mas acima de tudo humano.

GABRIELA SILVA  
Doutoranda PUCRS/CNPq

Recebido: 23 de abril de 2011  
Aprovado: 03 de maio de 2011